



SEM O DEDO DO E

O anúncio da união entre Cosan e Shell foge ao figurino das últimas grandes fusões no país — todas com a influência do governo

RENATA BETTI E BENEDITO SVERBERI

Nos últimos dois anos, o estado patrocinou, direta ou indiretamente, as principais fusões de grupos empresariais na economia brasileira: Oi e Brasil Telecom, nas telecomunicações; Aracruz e VCP, em papel e celulose; em alimentos, Perdigão e Sadia, assim como JBS-Friboi e Bertin; Braskem e Quattor, na petroquímica. Na semana passada, o anúncio de que em 180 dias a anglo-holan-

desa Shell, a quinta maior petroleira do mundo, e a brasileira Cosan, a maior produtora global de açúcar e álcool, deverão concluir as tratativas para selar uma aliança foi uma exceção nesse panorama. Não houve nenhum tipo de interferência do governo no negócio. A união, aliás, teve entre suas motivações a necessidade das duas empresas de fazer frente ao gigante brasileiro dos combustíveis, a Petrobras, sobretudo no setor de distribuição. "Num mercado como o nosso, ocupado por colos-

JUNTAS PARA GANHAR ESPAÇO

A união entre a Cosan e a Shell criou um concorrente de peso para a Petrobras, mas não a ponto de ameaçar sua liderança na distribuição de combustíveis — mercado em que a estatal só cresce

Fonte: Sindicom



A nova empresa terá **19%** do mercado

Números da Cosan-Shell

Valor estimado (em dólares)

12 bilhões

Número de postos no país

4500

Distribuição de combustíveis (em litros)

17 bilhões